



Ecologia Humana e Antropologia Cultural do Homem do Sertão Ribeirinho do São Francisco

Anderson Wagner Santos de Araújo¹; Carlos Alberto Batista Santos²

Resumo: O presente trabalho tem por escopo conceituar a Ecologia humana e a Antropologia cultural e analisá-las sob o prisma da formação e vivências do homem do sertão, ribeirinho do Rio São Francisco. Serão apresentados diferentes conceitos culturais e como eles se relacionam com a vivência deste homem, perpassado por dilemas existenciais, fruto da sua singularidade e unicidade, mas também pelos desafios da vida em coletividade, decorrente da pluralidade e multiplicidade de visões de mundo. Será abordada ainda a antropologia em seu objeto de estudo, que versa sobre o ser humano de forma integral e totalizante, mesológica e somatológica. Este artigo busca analisar o sertanejo ribeirinho do São Francisco, além do determinismo biológico e geográfico, de forma dinâmica e possuidora de diversidades. Quanto a metodologia, no mesmo foi adotada a pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório, em abordagem científica de dimensão qualitativa. Como resultado da pesquisa se perceberá que a herança cultural do sertanejo ribeirinho, embora seja fortemente marcada por elementos comuns, é diversa e dinâmica, e que o sentimento de pertencimento é fator de harmonia social que propicia a criação de regras de convivência.

Palavras-chave: Antropologia. Cultura. Herança Cultural. Rio São Francisco.

¹ Mestrando em Ecologia Humana na UNEB, Bacharel em Teologia pela UNICAP. Licenciado em Filosofia pela UNINTER. Bacharel em Direito pela FACAPE. Advogado. E-mail: anderson.wagnerxto@hotmail.com

² Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza – UFRPE. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais. Professor do Programa de Ecologia Humana e Gestão Socioambiental DTCS/UNEB. E-mail: cacobatista@yahoo.com.br

Human Ecology and Cultural Anthropology of Man from the Sertão Ribeirinho do São Francisco

Abstract: This work aims to conceptualize human ecology and cultural anthropology and analyze them under the prism of the formation and experiences of the man from the sertão, riverside of the São Francisco River. Different cultural concepts will be presented and how they relate to the experience of this man, permeated by existential dilemmas, the result of his uniqueness and uniqueness, but also by the challenges of collective life, resulting from the plurality and multiplicity of worldviews. Anthropology will also be addressed in its object of study, which deals with the human being in an integral and totalizing, mesological and somatological way. This article seeks to analyze the riverside sertanejo of São Francisco, in addition to biological and geographic determinism, in a dynamic and diversified way. As for the methodology, bibliographical research was adopted, with an exploratory character, in a scientific approach with a qualitative dimension. As a result of the research, it will be noticed that the cultural heritage of the riverside sertanejo, although it is strongly marked by common elements, is diverse and dynamic, and that the feeling of belonging is a factor of social harmony that favors the creation of coexistence rules.

Keywords: Anthropology. Culture. Cultural Heritage. Rio São Francisco.

Introdução

As pessoas e os diversos grupos sociais acumulam conhecimentos. Criam costumes e adotam determinados comportamentos. Dessa forma, surgem as culturas. Algumas delas são milenares, centenárias, outras porém são bem recentes. Há compatibilidades, mas também divergências entre as diversas propostas culturais. Diante dos contrastes e das contradições não tão poucas vezes violentas, é importante que cada cultura se mantenha aberta ao diálogo, a fim de ganhar a oportunidade de se renovar, justamente por ser enriquecida por algo que antes desconhecia ou por algo que já existia nela, porém, sem estar em evidência.

A palavra cultura indica uma realidade complexa. Ao usar uma imagem, pode ser dito que a cultura é como o ar que respiramos, seja ele puro ou poluído. Ou, com palavras mais abstratas: a cultura é o ambiente construído pelo ser humano e dentro do qual ele existe, algo que há de favorecer o esforço de quem busca sua sobrevivência e sua convivência com os demais.

Não obstante, a cultura é algo dinâmico, constantemente reconstruída pelas reflexões individuais e coletivas que buscam atribuir um sentido à realidade como um todo e à existência de cada um, para que algo mais bem definido e consensual possa nortear e estruturar a resposta dada ao presente da vida.

Segundo Ferreira (2009), foram diversas as tentativas de ampliação do significado de cultura, no território brasileiro o antropólogo Roque de Barros Laraia explica que no século XIX, os antropólogos da primeira escola tentaram definir de forma percussora o significado de cultura. Laraia creditou que a palavra cultura era oriunda da língua germânica numa palavra específica, *Kultur*, de simbolismo referente aos aspectos espirituais de uma sociedade e a palavra francesa *Civilization* referia as relações materiais de um povo. Já Edward Tylor, da escola britânica reuniu estes dois termos a constituir a palavra *Culture* no vocabulário do inglês britânico que reconhece qualquer capacidade ou hábitos que um homem adquire na sociedade, porém Tylor é um dos representantes do Evolucionismo Cultural, primeira das teorias antropológicas, que as semelhanças das culturas no globo se dá pela observação da sobrevivência de culturas mais antigas que se encontra “em vigor nos povos primitivos”. Assim segundo o autor cita-se:

Todos os povos, mesmo os mais primitivos, tiveram e têm uma cultura, transmitida no tempo, de geração a geração. Mitos, lendas, costumes, crenças religiosas, sistemas jurídicos e valores éticos refletem formas de agir, sentir e pensar de um povo e compõem seu patrimônio cultural. (TYLOR, 1871)

Para Leslie White (2009) a evolução cultural é um processo formal e temporal de maneira continuada e acumulativa composta de progressividade, com os fenômenos culturais sistematicamente organizados nas mudanças que torna se estágio sucessivo. Divergente de Tylor, White participou com defensor da escola do Neo-evolucionismo Cultural no início do século XX, na qual a evolução social e seus estudos estão intrinsecamente relacionados a evolução tecnológica. Da mais recente das teorias adotadas é do Estruturalismo, Strauss preocupa-se com a veracidade dos fatos em relação a mente humana, na qual se aplica a análise linguística estrutural de Saussure na antropologia. A antropologia busca um conhecimento sobre o homem em sua totalidade, nos seus modos e produções, sua estrutura antropomórfica, psíquica, e a busca da compreensão das manifestações da cultura.

A antropologia cultural segundo Heberer (1967), atua com maior amplitude, o estudo do ser humano como um ser cultural. Investigando suas culturas que situam ao longo da história, como elas surgem, se desenvolvem, os pontos de convergência e divergência entre elas, tendo como foco o comportamento humano, assim é uma ciência de observação, não só cultural mas comportamental, dos corpos daqueles que estão agindo culturalmente e da relação entre os comportamentos genéticos e aqueles adquiridos por aprendizado.

A cultura da região nordeste brasileira apresenta singularidades, na fé, na música, nas vestes próprias, que se adequam as condições climáticas, no conhecimento empírico, transmitido intergeracionalmente, por ser uma região de grande dimensão geográfica, nas sub-regiões algumas destas particularidades sofrem mutações, no entanto, se percebe uma forte identidade cultural sub-regional, a exemplo da população ribeirinha no Vale do São Francisco.

Para este estudo será apropriado os conhecimentos expressos na literatura de informação pré-modernista na escrita de Euclides da Cunha em seu relato social jornalístico em “Os Sertões”, no qual é apresentado o contexto histórico-social e da fauna e flora do sertão nordestino e ainda se lastreará nas percepções extraídas da obra da segunda fase regionalista do modernismo brasileiro, fantasiada no romance de “Grande Sertão: Veredas” por Guimarães Rosa.

Esta análise, possuiu um caráter exploratório, utilizando um procedimento essencialmente bibliográfico, incluindo-se o uso de livros e artigos científicos, eleitos pelo critério de respaldo científico acerca da temática. No que concerne à abordagem, se propôs a dissertar sobre a antropologia cultural do homem nordestino. O método empregado foi o comparativo antropológico (GIL, 2002), uma vez que se confrontaram várias posições conceituais acerca da cultura. O estudo se divide em três seções: concepções de cultura, o estereótipo do sertanejo na literatura brasileira do século XX e a cultura do sertanejo ribeirinho.

A antropologia em sua etimologia possui dois radicais gregos que é *anthropos* e *logia*, o primeiro se traduz em homem e o segundo em ciência ou razão, a formar o termo ciência do homem, voltada a compreensão humana.

Concepções de Cultura

Por meio da endoculturação ou enculturação, processo cultural denominado pela Antropologia como é aquele por meio do qual os indivíduos aprendem o modo de vida da sociedade na qual nascem, adquirem e internalizam um sistema de valores, normas, símbolos, crenças e conhecimentos. São, por assim dizer, condicionados a um padrão cultural. Endoculturação significa interiorização, assimilação, apropriação, absorção, aprendizagem. (ASSIS e NEPOMUCENO, 2008)

O ser humano é um agente de mudança cultural, por meio da endoculturação vai incorporando e assimilando comportamentos alheios, um espelhamento que dá a sua personalidade primária. Assim em sociedade o ser humano vai constituindo uma personalidade

com nuances próprias, que se reflete em suas ações na sociedade. Destarte o homem como agente cultural está intrinsecamente ligado à sociedade e à cultura, são a partir de então analisados pela antropologia cultural. O estudo segue a linha das abordagens de cultura apresentadas em autores citados na obra de Maconni (2010) e a investigação exploratória nas obras deles.

A cultura mostra-se primeiramente na sua face objetiva, ou seja, nas obras culturais, cuja criação incessante é para o homem a criação do próprio mundo, do espaço vital em que se move e evolui [...] Ele define o plano de realização do homem como sujeito do processo cultural. [...] O homem é ser histórico porque transforma o mundo, isto é, cria cultura; como tal ele se compreende a si mesmo e esta compreensão é, na unidade de um mesmo ato, reconhecimento de um sentido objetivo, ou seja, comunicável a outro homem: o sentido mesmo que se encarna na criação cultural. (VAZ, 1966)

O conceito de cultura é amplo, como citado, ele diverge de autor para autor, estes podem ser citados como percussores de teorias distintas que definem a cultura em divergências interessantes. Para Tylor (1871) é um complexo que compõe os hábitos e aptidões adquiridas por cada membro de uma sociedade. Linton (1936), acredita que a cultura a soma das reações emocionais que influem em padrões de comportamento, sendo instruído ou a imitar outro membro da sociedade, assim uma herança social.

A ideia de cultura a Malinowski (1944), está relacionada com os ofícios e meios materiais, implementos e bens de consumo. Para Kroeber (1952), a cultura é uma abstração do comportamento, mas não é um comportamento em si.

Hoijer (1953) segue a linha da abstração, porém complementa afirmando que não deve ser confundida com os atos realizados de um comportamento e nem do que realizar a transformação de matérias em artefatos materiais como as ferramentas utilizadas. Keesing (1961), acredita num conceito empírico de cultura, no qual é a experiência adquirida e acumulada pelo ser humano socialmente, porém repassada gerações adiante. Em 1959, em uma obra Leslie White faz a distinção entre comportamento e cultura, o primeiro é quando coisas e acontecimentos são dependentes de símbolos e interpretados somaticamente, já a cultura é independente do organismo humano com a interpretação das coisas em relação a si mesma, assim o comportamento é de competência da psicologia e a cultura da antropologia.

O conceito recente de Geertz (1973), a cultura é compreendida como um mecanismo de controle ao comportamento do ser humano, esses mecanismos de controle sobrevivem de símbolos significantes, sobre a concepção de uma ideia, abstração e o comportamento dela aprendido, coisificação extrassomática e o mecanismo de controle propriamente dito. Para

White (1959) em sua localização a cultura deve haver uma simbolização e que seja analisada no extrassomático, noutras palavras, para ele a cultura humana não é herdada, mas sim, adquirida pelos diversos aspectos no tempo e no meio em que cada um vive.

A pesquisadora Gisele Passos Costa (2003) faz um breve passeio pela história da antropologia e seus percussores, pela obra científica de Laraia (2001), que o conceito de cultura era considerado mais confuso do que amplo no livro de Edward Tylor, “Cultura Primitiva de 1871”, assim para Laraia (2001) o dever da antropologia é reescrever o conceito de cultura, ao passo que para Tylor a cultura não é uma herança genética apesar de ser transmissível de geração a geração.

Cultura é todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e aptidões adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (TYLOR, 1871)

Já Lévi-Strauss (1967) considera que a cultura surge a partir do momento que o ser humano resolveu criar e seguir a sua primeira regra e norma, que em comum nas sociedades primitivas seria a vedação ao incesto. Laraia (2001) em seus textos traz à tona o pensamento de Murdock (1932) o qual defende que os antropólogos sabem o conceito de cultura, porém divergem em sua maneira de exteriorizar os conhecimentos no modo de conceituá-la. Assim tem os denominados conflitos sociais a partir do momento em que um indivíduo ou grupo social considera sua cultura superior e correta em comparação as ademais, comportamento denominado etnocentrismo, uma maneira radical da comparação que leva discriminação, presentes na escola britânica ao separar as sociedades “civilizadas” ou “integrados” e “não civilizadas” ou “silvícolas” ou “selvagens”, nos seus termos de estudos. O etnocentrismo é condenado pela antropologia, ciência social que compreende não existir modos de vidas superiores ou inferiores, o que é bom para uma tribo talvez não se encaixe no modo de viver em outras.

Keesing (1974), faz uma breve revisão das teorias da cultura na antropologia como sistemas: adaptativo, cognitivo, estrutural e simbólico. A cultura como sistema adaptativo, serve para adaptar as comunidades dos homens as bases biológicas e ecossistemas, como as tecnologias, organizações econômicas, crenças e práticas religiosas. Assim pode correlacionar a singularidade antropológica que distingue os caatingueiros, sertanejos e ribeirinhos, que se adaptam ao ecossistema onde vivem. Como sistema cognitivo esta adaptação é sistema de conhecimento, os indivíduos necessitam de conhecimento para poderem atuar na sociedade que os incluem, assim a cultura é um modelo de interpretação e percepção das crenças. Como

sistema estrutural, a adaptação é vista pelo prisma de Lévi-Strauss anteriormente citado, sendo estruturada a partir da dimensão simbólica que foi acumulada interiormente. Já como sistema simbólico, a adaptação remete a Geertz, que símbolos e sentidos partilhados pelos membros de um grupo social.

O Estereótipo do Sertanejo na Literatura Brasileira do Século XX

Na obra de Euclides da Cunha (2015), *Os Sertões*, em seus dois primeiros tomos, ele cita os movimentos do sebastianismo, que aguardavam o retorno mítico do Rei D. Sebastião, de maneira a relatar o acidente de Pedra Bonita no município de Serra Talhada. O advento do movimento messiânico como a formação da crença na criação do Arraial de Canudos que é foco no terceiro tomo, mostra que a crença mágico-religiosa ainda está presente no imaginário do sertanejo residente na região Nordeste do país.

Da mesma maneira há a presença dos binômios, justiça e vingança, deus e diabo, bem e mal na obra de Guimarães Rosa, onde o foco vai além do gênero “Diadorim” e sua vingança na jagunçagem. Estão presentes ainda no estereótipo do homem nordestino de “sangue quente” ao cometer o ato de canibalismo, ou o estereótipo do feminino nordestino como “vingativo e maquiavélico” quando narra a tortura psicológica contra o padre e o assassinato do cônjuge de maneira macabra e a sede de vingança de Diadorim.

As duas obras perpetuam o pensamento religioso através das benzedeadas, ao mesmo tempo em que descreve o homem nordestino como um ser bruto e ignorante, incapaz de resolver os próprios conflitos, recorrendo desse modo à vingança e à fé.

Na obra de Cunha, a vingança é contra o estado brasileiro pelo tamanho abandono, se recorre a Antônio Conselheiro, pois se acreditar nas promessas míticas de retorno à glória que um dia a região Nordeste teve no período colonial. Essa sub-rogação do pensamento real, o ser se aliena ao outro ao acreditar num ideal maior, assim segue a linha da fé cega de um profeta para um retorno além de um rei mítico de poderes divinos, que anos depois na escola do regionalismo modernista foi satirizada no Romance da Pedra do Reino de Ariano Suassuna. (HERMANN, 2005)

As críticas presentes contra as estereotipações dos nordestinos por meio da obra de Cunha, vem pelo esquecimento do abandono regional e jurídico da união pela região. Assim como uma região sem investimentos, abandona e a mercê da própria sorte, é comum relatar as figuras da fome, ignorância e morte numa região de clima árido e seco. Já a estereotipagem que

advém de Grande Sertões, resulta do etnocentrismo que classifica a cultura europeia como superior à brasileira, especificamente a nordestina, e classificar os sertanejos como pessoas vis e indomáveis ou “selvagens”, traços daqueles que aderem ao etnocentrismo e a gerar conflitos sociais de preconceitos regionais, advindas da interpretação generalizada da obra literária. (FRYE, 2014)

Gilberto Freyre (2011), em 1943, traz sua crítica à obra nas edições mais recentes, relata que apesar dos erros de botânica e antropologia, como sociólogo, Euclides colocou o sertão com um lugar “tão brasileiro” como qualquer outro autor nordestino teria feito, ao exaurir de maneira poética todos os relatos presentes na caderneta de campo sobre a campanha de Canudos.

Cultura do Sertanejo Ribeirinho

O autor José Aleluia dos Reis (2011), relembra que as nomenclaturas dos rios, em si vieram da junção de natureza e cultura dos nativos brasileiros. Os rios, em suas formas ditas sagradas pelas culturas dos nativos, acabaram a influenciar a formação das cidades, estas que eram edificadas em solo próximo ao curso das águas ribeirinhas. Assim os rios possuem a importância também de fazer a interligação hidrográfica, econômica e das pessoas dentro dos seus territórios que os abrangem. Territórios que não sejam somente um pedaço de terra, mas que haja o sentimento de pertencimento em comum entre os integrantes dele, segundo o pensamento de Milton Santos (2000). Muitos elementos oriundos das dimensões mesológica e somatológica estereotipam o sertanejo.

A figura do sertanejo se expressa na imagem do vaqueiro com suas vestes características de couro, história de lutas e costumes onde se pode perceber a integração homem/natureza. Como trabalhador, representa a responsabilidade pela economia e a resistência perante as adversidades locais. Este conceito sobre o trabalhador rural aplicado à paisagem dos sertões permite a existência de algo mais complexo porque sugere uma dinâmica humana de (sobre)vida desde tempos coloniais balizada por realidades como a alternância entre um período seco e uma estação chuvosa. Fator importante no desbravamento sertão adentro.[...] (FERRAZ, 2004)

Segundo Maria Socorro Isidório (2010), as águas presentes nos rios possuem uma significação específica, é o local onde pode surgir ou regredir qualquer forma de vida, concebida como sagrada desde a criação cósmica narrada pelo dogma cristão, preexistindo antes da terra. Essa relação mística da água se mantém presente na vida dos ribeirinhos.

Inúmeros mitos indígenas asseguram a transmissão cultural da relação intrínseca da água dos rios e riachos na vida dos ribeirinhos pela figura do sagrado feminino da “mãe-água ou d’água” que perdura nos mitos das cidades ribeirinhas. Para estes, o rio possui um caráter sagrado devido às contínuas experiências mágico religiosas, como o “encanto” do rio São Francisco, no qual, em um horário específico em que toda a movimentação do curso da água é paralisada, para os ribeirinhos, a água possui vida consciente, fenômeno presente nas narrativas fantásticas transmitidas pela oralidade. (ISIDÓRIO. 2010)

Destarte, o sertanejo é uma mistura, um sincretismo cultural e religioso, e também na forma que emprega as tecnologias, que favorecem a sua sobrevivência. Esse sincretismo se mantém expresso, nas mais diferentes demonstrações de fé, nas celebrações e momentos festivos, entre outros. A identidade está associada ao modo e adaptar tanto nas “ruas”, grandes concentrações as beiras do rio com comércios ou na caatinga presente a pecuária extensiva na fauna nativa da caatinga. Assim pode se citar:

As práticas socioculturais são as ações dos homens sertanejos e, embora pareça provável que realmente seja um ser humano de muita religiosidade, sua manifestação perante o sacro não é submetida a artificios. Com o mesmo ímpeto expressivo, a fé é empregada neste contexto regional com efeito prático, por acreditar que o desdobramento da realidade tenha aí a sua origem – à Deus entrega todo o sofrimento e dor. O que acontece na realidade religiosa é facilmente percebido como imagens projetadas aos olhos de todos e objetivamente captadas como verdade natural, invariavelmente deixando entrever intercâmbios entre o mundo visível e invisível, entre o imediato das sensações e seu eco contemplativo, interior.” (FERRAZ, 2004)

Considerações Finais

A figura do sertanejo apesar de ser estereotipada pela utilização errônea da literatura, é bem maior e diversificada, se perfaz dentro de uma cultura rica em nuances e singularidades. No entanto, o sertão nordestino ainda é um mistério a ser explorado, sua cultura resiste e em algumas regiões remotas permanece intocável nos moldes do século XXI, porém em outras subregiões existe uma grande pluralidade cultural, singularidades antropológicas, uma grande gama de possibilidades que não pode ser reduzido ao esteriótipo. Ressalta-se que existem elementos comuns, que geram a identidade cultural deste povo, mas identidade não significa uniformidade cultural.

O intuito desse estudo exploratório de revisão bibliográfica simples se acopla aos moldes da observação crítica da antropologia. Apesar de equivocada em partes, a literatura de Cunha em seu pré-modernismo mantém norteadora aos curiosos que queiram ter base dos

primeiros relatos sérios sobre a região nordeste e seu abandono estatal, cujos efeitos se demonstram contínuos e prolongados ao longo das décadas seguintes ao ser revisitado de maneira mágica pelo romance de vingança por Guimarães Rosa.

A cultura ribeirinha nessa análise possui uma forte ligação não somente pela formação comercial e social de grandes concentrações ao curso do rio, também pela religião, que possui estreito vínculo aos nativos indígenas, estes, verdadeiros donos do território brasileiro que foram os primeiros a nomear e relatar as origens dos rios e os grupos que ao redor deles se formaram.

Referências

ASSIS, Cássia Lobão & NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Estudos contemporâneos de cultura**. Campina Grande: UEPB/UFRN, 2008.

BEALS, Ralph L, HOIJER, Harry. **Introducción a la antropología**. Madri: Aguilar. 1969.

BOAS, Franz. **Cuestiones fundamentales de antropología cultural**. Buenos Aires: Solar. 1964.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões: Edição Crítica**. São Paulo: Ubu Editora/ Edições Sesc São Paulo, 2016.

FERRAZ, Maria Clara Souto. **O Sertanejo Nordestino: representações culturais brasileiras de resistência e de fé**. Uberlândia, 2004.

FREYRE, Gilberto. **“Euclides da Cunha”, História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Global, 2011.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: É Realizações, 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar. 1973

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HEBERER, Gerhard. **Antropologia**. Lisboa: Meridiano, 1967.

HERMANN, Jacqueline. **Antônio Vieira e o Sebastianismo: messianismo régio e transfiguração barroca**. In: COSTIGAN, L. H. (Org.). **Diálogos da conversão**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005

ISIDÓRIO, Maria Socorro. **Santo Rio São Francisco: Religiosidade Popular na Sacralidade do Rio São Francisco no Imaginário dos pescadores do Sertão dos Gerais**. São Paulo: PUC-SP. 2010

KEESING, Felix M. **Antropologia cultural: A ciência dos costumes**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

KEESING, Roger M. **Theories of Cultures**. Annual Review of Anthropology 1974 3:1, 73-97

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro. 1967.

LINTON, Ralph. O homem: uma introdução a antropologia. São Paulo: Martins. 1965.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. São Paulo: Rocco, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade, PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia: Uma introdução**. São Paulo: Atlas, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e Vida Severina – auto de Natal pernambucano. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

REIS, José Sérgio Aleluia dos. **O rio São Francisco e a travessia do povo – religião e cultura**. São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. 2011.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SANTOS, M. **O país distorcido**. São Paulo: Publifolha, 2000.

SUÁREZ, Mireya. **Sertanejo: Um Personagem Mítico. Sociedade e Cultura**, 1998.

TYLOR, Edward Burnett. **Primitive Culture**. Inglaterra: Gordon Press, 1871.

VAZ, H. C. de Lima. **Cultura e universidade**. Petrópolis: Vozes, 1966.

WHITE, Leslie A.; DILLINGHAM, Beth. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ARAÚJO, Anderson Wagner Santos de; SANTOS, Carlos Alberto Batista. Ecologia Humana e Antropologia Cultural do Homem do Sertão Ribeirinho do São Francisco. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 230-240, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 18/08/2021;
Aceito 23/08/2021.